



AS AVENTURAS DE
PINOQUIO

CARLO COLLODI

Adaptação

MONTEIRO LOBATO

Edição revista e atualizada



 **FARO
EDITORIAL**

CARLO COLLODI

AS AVENTURAS DE
PINÓQUIO

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022
COPYRIGHT © CARLO COLLODI, 1983 — DOMÍNIO PÚBLICO
COPYRIGHT © MONTEIRO LOBATO, 1882 - 1948 — DOMÍNIO PÚBLICO

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.
Versão de domínio público adaptada por Monteiro Lobato.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Assistente editorial **JESSICA SILVA**
Preparação **ANA CAROLINA SALINAS**
Revisão **CIBELIH H. TORRES E CRIS NEGRÃO**
Capa e diagramação **REBECCA BARBOZA**
Ilustrações de miolo **VOLKANAKMESE, ARDEA-STUDIO, DENYS KOLTOVSKYI**
| SHUTTERSTOCK

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Collodi, Carlo, 1826-1890
As aventuras de Pinóquio / Carlo Collodi ; tradução e adaptação de Monteiro Lobato. -- São Paulo : Faro Editorial, 2022.
96 p.

ISBN 978-65-5957-204-5
Título original: Pinocchio

1. Literatura infantojuvenil italiana I. Título II. Lobato, Monteiro, 1882-1948

22-4127

CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil italiana



1ª edição brasileira: 2022
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-000
www.faroeditorial.com.br

A black and white illustration of a circus scene. At the top, there's a crescent moon, clouds, and a starburst. Below that, a striped tent is the central focus, with a Ferris wheel to its right and a smaller tent to its left. A hot air balloon is on the right. In the foreground, a man in a striped shirt and suspenders balances on a tightrope on the left, holding an umbrella. On the right, another man in a hat and striped pants balances on a tightrope. At the bottom, a large, stylized face with a thick mustache and curly hair is shown, with two hands reaching up towards it. A hand is also shown holding a hoop with a balancing act inside. A wheel is visible at the bottom left.

GRANDIOSO
ESPETÁCULO DE GALA

BURRINHO
PINÓQUIO

CONHECIDO COMO
O ASTRO DA DANÇA



Era uma vez...

— Um rei! — dirão meus pequenos leitores.

Não, crianças, vocês se enganaram. Era uma vez um pedaço de madeira. Um simples pedaço de lenha, como aqueles cortados das árvores.

Não sei dizer como isto aconteceu, mas o fato é que um belo dia esse pedaço de madeira apareceu na oficina de um velho carpinteiro chamado Antônio, que todos chamavam de Cereja, por causa da ponta de seu nariz – sempre vermelha e reluzente como uma cereja madura.

Os olhos de mestre Cereja brilharam assim que ele viu aquele pedaço de madeira e, esfregando as mãos de satisfação, falou baixinho consigo mesmo:

— Essa madeira veio parar aqui em boa hora; vai ficar perfeita como perna de mesa.

Com essas palavras, foi buscar uma enxada pequena para cortar a madeira. Mas, quando ia desferir o primeiro golpe, seu braço ficou suspenso no ar. Uma voz fina e suplicante lhe dizia:

— Não faça isso!

Imaginem o susto do velho mestre Cereja!

Com olhos arregalados, examinou todos os cantos da oficina para descobrir de onde poderia ter vindo aquela voz. Não viu ninguém. Olhou embaixo do banco – ninguém; procurou dentro de um armário que estava sempre fechado – ninguém; revirou uma caixa de raspas de madeira e serragem – ninguém; chegou até a abrir a porta e lançar um olhar para a rua – ainda assim, ninguém. Quem, afinal, poderia ter sido?

— Já sei! — disse ele, rindo e coçando a cabeça. — Com certeza essa voz não passou de imaginação minha. De volta ao trabalho!

E, segurando de novo a enxada pequena, desferiu um violento golpe no pedaço de madeira.

— Ai! Ai! Você me machucou! — lamentou aquela mesma vozinha.

Dessa vez, mestre Cereja ficou em choque. Seus olhos saltaram de horror, sua boca ficou escancarada. Assim que conseguiu falar, começou a gaguejar, tremendo de medo:

— Mas de onde pode ter saído essa voz? Não há mais ninguém aqui. Será possível que esse pedaço de lenha tenha aprendido a choramingar como criança? Não acredito. Aqui está o pedaço de madeira; lenha comum, que no fogo não serviria nem para cozinhar uma panela de feijão... Ou então? Será que alguém se escondeu dentro dela? Se for isso, ah, esse sujeito vai ter uma lição!

E, assim dizendo, agarrou o pobre pedaço de madeira e começou a batê-lo nas paredes.

Depois parou e ficou atento, procurando ouvir aquela voz suplicante. Esperou dois minutos – nada; cinco minutos – nada; dez minutos – nada!

— Já entendi! — disse, esforçando-se para rir e coçando a cabeça mais uma vez. — É claro que essa voz não passou de pura imaginação. De volta ao trabalho!

Como ainda estava bastante assustado começou a cantar para ver se assim criava um pouco de coragem.

Deixou de lado a enxada pequena e buscou a plaina, para nivelar e polir o pedaço de madeira; mas, assim que a ferramenta começou a deslizar pela superfície, ouviu a mesma voz, agora, rindo:

— Por favor, pare! Isso faz cócegas!

Dessa vez, o pobre mestre Cereja caiu para trás, como se um raio o tivesse atingido. Quando abriu os olhos, deu-se conta de que estava no chão.

Tinha ficado completamente transtornado; até mesmo a ponta do seu nariz, que era sempre vermelha, tinha virado roxa de tanto medo.



Naquele momento, alguém bateu à porta.

— Entre — disse o carpinteiro, sem forças para se levantar.

Logo a porta se abriu e um velhinho ágil e alegre entrou. Seu nome era Gepeto, mas, quando os moleques da vizinhança queriam aborrecê-lo, chamavam-no pelo apelido de Polenta, por causa da peruca amarela que usava para disfarçar a calvície.

Gepeto era mal-humorado. Coitado de quem o chamasse de Polenta! Ficava irritado e era muito difícil acalmá-lo.

— Bom dia, mestre Antônio — disse Gepeto. — O que está fazendo aí, sentado no chão?

— Estou ensinando o alfabeto às formigas. — respondeu com ironia.

— Ah, bom proveito então, mestre Antônio.

— O que o traz aqui, meu amigo?

— Minhas pernas me trouxeram. Mas, na verdade, mestre Antônio, vim lhe pedir um favor.

— Diga, posso ajudá-lo com o que estiver ao meu alcance — replicou o carpinteiro, levantando-se.

— Hoje de manhã tive uma ideia.

— Qual?

— Pensei em construir um boneco de madeira; mas um boneco prodigioso que saiba dançar, lutar com espadas e fazer acrobacias. Com ele, sairei pelo mundo e ganharei bastante dinheiro. O que acha?

— Muito bem, Polenta! — exclamou aquela vozinha misteriosa que tanto assustara o carpinteiro.

Ao ser chamado de Polenta, Gepeto ficou vermelho como um pimentão e, voltando-se para o carpinteiro, disse, cego de raiva:

— Por que me insulta, mestre Antônio?

— Quem o insultou, Gepeto?

— Você me chamou de Polenta!

— Não fui eu, não!

— Quer dizer então que fui eu? Foi você, sim!

— Não fui eu!

— Foi sim!

— Não fui!

— Foi!

Cada vez mais nervosos, começaram uma briga como cão e gato, soltando cascudos, mordidas e arranhões.

Quando a briga terminou, mestre Antônio percebeu em suas mãos a peruca amarela de Gepeto; ele, por sua vez, estava com a peruca grisalha do carpinteiro entre os dentes.

— Devolva a minha peruca! — gritou mestre Antônio.

— E você devolva a minha! — berrou Gepeto. — Então, podemos fazer as pazes.

Os dois senhores recuperaram os cabelos postiços e, com um aperto de mão, juraram permanecer bons amigos para o resto da vida.

— Muito bem, meu caro Gepeto — disse o carpinteiro, para reforçar que as pazes estavam feitas —, qual era o favor que veio me pedir?

— Queria apenas um pedaço de madeira para construir o boneco do qual lhe falei; pode me ceder algum?

Mestre Antônio, radiante por poder ajudar, foi correndo buscar o pedaço de madeira que tanto o assustara. Mas, ao tentar entregá-lo ao amigo, o pedaço de madeira se mexeu bruscamente, soltando-se das mãos do carpinteiro e batendo com toda a força nas canelas magras de Gepeto.

— Bonito! Então é com essa delicadeza que costuma entregar seus presentes, mestre Antônio? Por pouco não me deixa ferido...

— Juro que não fui eu!

— Quer dizer então que fui eu?

— O culpado foi o pedaço de madeira...

— Sei que foi a madeira, mas quem a atirou contra as minhas pernas?

— Eu não atirei coisa alguma contra suas pernas, Gepeto!

- Tem coragem de mentir assim, mestre Antônio?
— Não me insulte, Gepeto, ou volto a chamá-lo de Polenta!
— Mas que desaforo!
— Polenta!
— Perdeu o juízo de vez?
— Polenta!
— Já disse para não me chamar assim, senão...
— Polenta!

Ao ser chamado de Polenta pela terceira vez, Gepeto, muito irritado, desferiu bofetadas sobre o carpinteiro e ambos entraram de novo em uma luta.

Ao fim da briga, mestre Antônio tinha dois arranhões a mais no nariz, e o seu adversário tinha dois botões a menos no colete. Os senhores, após terem ajustado as contas, trocaram um aperto de mão e prometeram ser bons amigos por toda a vida.

Gepeto pôs o seu pedaço de madeira debaixo do braço e, agradecendo a mestre Antônio, voltou mancando para casa.



A casa de Gepeto ficava num porão onde só entrava luz pelo vão da escada. O mobiliário não podia ser mais simples – uma cadeira desconfortável, uma cama dura e uma mesa velha. Ao fundo, havia uma lareira com uma chama acesa reluzente; mas esta era pintada e, sobre as labaredas, havia uma panela, também desenhada, que fervia e deixava sair uma nuvem de vapor, muito parecida com fumaça de verdade.

Assim que chegou a casa, Gepeto foi buscar as ferramentas e começou a construir o boneco.

— Qual será o nome dele? — perguntou a si mesmo. — Hum! Vou chamá-lo de Pinóquio. Esse nome lhe dará sorte. Conheci uma família inteira de Pinóquios. Pinóquio pai, Pinóquia mãe, Pinóquios filhos – e todos eram felizes.

Tendo encontrado um nome para o boneco, começou a trabalhar com vontade. Primeiro fez os cabelos, depois o rosto, em seguida os olhos.

Terminados os olhos, imaginem o seu espanto quando percebeu que se moviam e o olhavam fixamente.

Ao ser encarado por aqueles dois olhos de madeira, Gepeto ficou incomodado e disse, em tom aborrecido:

— Olhos de madeira, por que estão me encarando assim?

Ninguém respondeu.

Depois dos olhos, Gepeto fez o nariz. Mas, assim que ficou pronto, o nariz começou a crescer. E cresceu, cresceu, cresceu até que, em poucos minutos, se tornou um nariz que não tinha fim.

O pobre homem não se cansava de apará-lo; mas, quanto mais cortava, mais comprido aquele nariz atrevido se tornava.

Antes mesmo de a boca ficar pronta, já começou a rir e a zombar do velho.

— Pare com essas risadas! — ordenou Gepeto, irritado. Mas foi o mesmo que ter falado com a porta.

— Pare com essas risadas, já disse! — rugiu ele, com voz ameaçadora. A boca parou de rir, mas lhe mostrou a língua.

Gepeto, para não estragar o serviço, fingiu não perceber e continuou a trabalhar. Depois da boca, fez o queixo, o pescoço, os ombros, o estômago, os braços e as mãos.

Mal terminara as mãos, Gepeto sentiu a peruca desgrudar-se da sua cabeça. Virou-se e o que viu? Sua peruca amarela nas mãos do boneco.

— Pinóquio! Devolva a minha peruca!

Mas, ao invés de devolver, Pinóquio colocou-a na própria cabeça, ficando quase sufocado debaixo dela.

Diante daquele ar zombeteiro e malcriado, Gepeto sentiu-se mais triste do que nunca e, voltando-se para Pinóquio, disse:

— Ora, seu pestinha! Você ainda nem está pronto e já começa a faltar com o respeito a seu pai? Faz mal, meu filho, muito mal, sabia?

E enxugou uma lágrima.

Ainda faltava fazer as pernas e os pés.

Quando Gepeto acabou os pés, recebeu um chute na ponta do nariz.

— Eu mereço! — disse então, para si. — Devia ter pensado nisso antes. Agora é tarde.

Assim, pôs o boneco no chão para ensiná-lo a andar. Pinóquio tinha pernas muito duras, mas Gepeto segurou sua mão e o ajudou a dar os primeiros passos.

Quando as pernas se tornaram mais flexíveis, Pinóquio começou a andar sozinho e a correr pela casa, até que, alcançando a porta, atravessou para a rua e fugiu.

O pobre Gepeto disparou atrás dele, mas não conseguiu alcançá-lo, pois o pestinha pulava na sua frente como se fosse uma lebre, batendo os pés de madeira na calçada, com mais barulho do que vinte pares de tamancos.

— Peguem ele! Peguem ele! — berrava Gepeto; mas as pessoas que estavam na rua, vendo um boneco de madeira correr como um cavalo, ficaram imobilizadas de espanto e riam sem parar ao olhar para ele.

Então, por sorte, chegou um policial, que, ao ouvir todos aqueles gritos, pensou que algum cavalo tivesse fugido do dono. Ficou de pernas abertas no meio da rua e, com o objetivo de parar o animal, esperou, evitando assim desastres mais graves.

Quando Pinóquio, ainda a alguma distância, enxergou o soldado querendo impedir a sua passagem, fez o possível para surpreendê-lo e passar entre as suas pernas. Seu plano, porém, falhou miseravelmente.

O policial, sem se perturbar, o agarrou com muita astúcia pelo nariz — era um nariz imenso, que parecia feito especialmente para ser agarrado por policiais — e entregou-o a Gepeto. Querendo castigá-lo, Gepeto lembrou-se imediatamente de puxar-lhe as orelhas. Mas imaginem a raiva com que ficou, ao ver que Pinóquio não tinha orelhas. E sabem por quê? Porque com a pressa de terminar o boneco ele se esqueceu de colocá-las!

Ele então o segurou pelos braços, e dizia, em tom ameaçador:

— Vamos para casa, ouviu? E lá vamos conversar sobre o que você fez.

Diante desse aviso, Pinóquio jogou-se ao chão e não quis dar mais nenhum passo. Uma multidão de pessoas curiosas e desocupadas começou logo a se reunir, formando um círculo em volta deles. Cada um fazia um comentário.

— Pobre boneco! — diziam muitos. — Ele tem razões de sobra para não querer voltar para casa.

E outros acrescentavam:

— Gepeto parece um bom homem, mas para lidar com meninos precisa de mais paciência.

Tanto falaram, que o policial acabou colocando Pinóquio em liberdade e levando Gepeto para o xadrez. O pobre homem, sem saber se defender, chorou que nem um bezerro.

— Sou muito bobo mesmo! — soluçava a caminho da prisão. — E pensar em como me esforcei para torná-lo um boneco bem-comportado! Bem feito para mim!

O que se passou depois é uma história que parece mentira. Ouçam só...

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus
HIV e de hepatite que não se trata.
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite
é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM AGOSTO DE 2022